

A REPRESENTATIVIDADE HOMOSSEXUAL FEMININA NO CONTO VÓ, A SENHORA É LÉSBICA? DA OBRA AMORA, DE NATALIA BORGES POLESSO.

Autora: Emmanuelle Silva Freire Pereira;
Co-autora: Raneide Barbosa Sabino;
Orientadora: Rosângela de Melo Rodrigues;

Universidade Federal de Campina Grande, manuletrasufcg@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande, raneideb@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande, rosangela-melo@uol.com.br

Resumo: Levando em consideração a situação de repreensão social e a luta constante por direitos vivenciada pelas pessoas com sexualidade não-normativas, torna-se necessário refletir como a sociedade e como os próprios sujeitos reagem a esse tipo de acontecimentos. Desta forma, o objetivo do artigo é discutir a problematização na identificação, na incerteza, na aceitação e no medo do sujeito em “descobrir-se” diferente da opção de comportamento normativo, tomando como parâmetro as personagens Vó Clarissa, Tia Carolina e Joana, do conto “Vó, a Senhora é lésbica?”, de Natalia Borges Polessos. A obra *Amora* (2015), em que o conto está inserido, explora de forma poética e plural o universo homossexual feminino, a partir da perspectiva de mulheres lésbicas de diferentes faixas etárias, sendo elas adolescentes e idosas. De forma mais específica, o presente artigo busca analisar as representações dos personagens que se sentem aprisionados por conflitos familiares, sociais e identitário. Esta análise será realizada tendo como base estudos teóricos de Foucault (1992); Bailly (1999); Louro (2004); Judith (2010).

Palavras-chave: Literatura Queer; Escrita feminina; Gênero.

INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços recentes na abordagem das sexualidades, o tema lesbianismo ainda é um tabu em pleno século XXI; a posição das mulheres lésbicas na sociedade contemporânea brasileira ainda reflete traços de segregação e assujeitamento impostos por uma tradição androcêntrica. Existe uma opressão com maior intensidade quando as mulheres lésbicas expõem suas relações afetivas em seus círculos de convivência familiar e social, e com este gesto libertário passam à condição de vítimas não apenas do machismo, mas também da lesbofobia e, amiúde, do feminicídio.

Os conceitos utilizados pela biologia e pelos padrões morais androcêntricos do que é “ser homem” e “ser mulher” servem como base para as possíveis justificativas e imposições de papéis sociais tidos como normativos para a sociedade. Nesse contexto, o sujeito lésbico foge das definições que são impostas do que é ser “feminino”, rompendo assim com os

padrões estabelecidos pelos modelos tradicionais heteronormativos.

Em contraponto a esses padrões ditados, Lira (2014) apresenta que a posição do ser mulher não a dispõe na relação de desejo apenas com o seu sexo oposto, mas lhe permite uma livre escolha e/ou execução de seu desejo, que pode ser direcionado a qualquer gênero, ou seja, o desejo libidinal humano é sem sexo, podendo se voltar para um corpo feminino ou masculino. Isso se afirma:

O sujeito humano é constituído como ser de desejo, e o desejo é direcionamento de energia libidinal destinado a um objeto, e se esse objeto nada mais é do que um depositário de sua libido, por definição, nada impede de que esse desejo esteja voltado para um corpo feminino ou masculino – o objeto libidinal é sem sexo e sem nome, portanto o desejo direciona-se ao sujeito outro e não a um ou outro gênero de sujeito. (LIRA, 2014, p.1)

Desta forma, o presente artigo também tem como motivação refletir como a sociedade brasileira e, principalmente, os próprios sujeitos lesbianos reagem aos acontecimentos do cotidiano na problematização de sua aceitação social plena; na identificação do direcionamento dos seus desejos; no medo em descobrir-se “diferente” da concepção de comportamento normativo, e no gerenciamento dos conflitos no interior de famílias heteronormativas. Essa discussão será feita a partir da análise do conto escolhido.

METODOLOGIA

A metodologia que mais se adequa, diante dos objetivos deste artigo, no sentido de responder aos questionamentos temáticos, é a pesquisa qualitativa quanto a sua abordagem e de revisão bibliográfica quanto ao seu procedimento. Galvão (2010) aponta as vantagens para esse tipo de método:

Pode-se afirmar, então, que realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e

metodologias inovadoras de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das instituições e dos governos que subsidiam a ciência. (GALVÃO, 2010, p.377).

De acordo com a definição de Gerhardt e Silveira (2009), o método de revisão bibliográfica é que um apanhado de diversas obras, como livros, artigos, dissertações e teses, que fornecem suportes para fundamentações acerca de um determinado tema.

Procura-se no presente artigo, pois, evidenciar, após o estudo de teorias relativas à literatura *queer* e das discussões realizadas na disciplina de Ficção Contemporânea, ministrada no semestre 2017.2 na Universidade Federal de Campina Grande, uma análise do conto “*Vó, a senhora é lésbica?*”, que trata das representações das personagens lésbicas que se sentem aprisionadas por conflitos sociais, familiares e identitários. O conto escolhido como *corpus* está presente no livro *Amora* (2015), de Natalia Borges Polessio.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A história central do conto “*Vó, a senhora é lésbica?*” se passa, em um primeiro momento, na casa de Clarissa, uma professora de História aposentada que há décadas mantém um relacionamento homoafetivo com Carolina, que ao longo de vinte anos diariamente visita a amante, mas preserva um casamento heterossexual “de fachada”. No início da narrativa, a narradora descreve de maneira bastante precisa os detalhes que demarcam o estranhamento que marca o comportamento dos netos de Clarissa, quando na mesa refeições o tema relações lesbianas é posto na roda de conversas entre avó, as crianças e a jovem Joana, a neta que inicia a aceitação de sua condição de mulher lésbica e seu relacionamento com uma colega de universidade ao ir, aos poucos, penetrando do misterioso universo das duas idosas de seu convívio: Clarissa e Carolina. O primo de Joana, chamado Joaquim, já tinha conhecimento da condição lésbica dela, e quanto à vó Clarissa, ele já pressupunha há anos que ela também era lésbica por ouvir conversas veladas a esse respeito de seus genitores. Marcando no conto um lugar de fala do poder androcêntrico, paternalista e punitivo, o garoto ameaça revelar à mesa, durante uma refeição, que Joana estava tendo uma relação homoafetiva.

Nesse contexto, o conto não trata apenas de mulheres lésbicas, mas de seus

sentimentos e das suas histórias de amor repercutindo na formação identitária de homens que, ainda muito jovens, se colocam na posição de ditadores de padrões de comportamento das mulheres do seu entorno, sejam homossexuais ou não. A autora traz à baila esses questionamentos e situa as personagens femininas em posições que passo a passo vão se fortalecendo, quando uma mulher lésbica encontra apoio em outra de igual condição e percebe que, a despeito de todos os entraves a serem vencidos, ela pode tomar as rédeas de sua vida, subverter padrões tradicionais de pensamento e de comportamento, se empoderar e se assumir como uma mulher que ama mulheres. Observamos esse tipo de comportamento ao nos depararmos com vó Clarissa e tia Carolina, quando se encontram:

Ela e tia Carolina. Por volta das quinze horas, minha avó punha uma mesa de chá. As xícaras com flores azuis, o jogo de porcelana, os talheres de prata, bandeja. Um pouco depois do almoço, ela nos deixava sozinhos e ia até a padaria. Voltava em vinte minutos com uma caixa de delícias que sempre nos fazia muito curiosos. Quinze e pouco chegava a tia Carolina. Minha avó ficava radiante. (POLESSO, 2015, p.38).

A narradora descreve o comportamento ainda clivado de tia Carolina, ao chegar à casa de vó Clarissa: “A tia Carolina trazia, quase sempre, uns olhos de embaraço, agora lembro, os passos incertos, as mãos cheias de anéis que se torciam em si mesmos, os ombros para cima sempre. Parecia que não queria estar ali.” (POLESSO, 2015, p.38). É perceptível que ela demonstra receio, mesmo estando habituada com a presença das pessoas daquela casa, de ser reconhecida como lésbica; nesse sentido, Carolina representa no conto um parcela de mulheres ainda presas a convenções sociais, que não assumem publicamente seus relacionamentos afetivos e se mostram fraturadas identitariamente, enquanto Clarissa simboliza a mulher madura que é dona de si, dos seus desejos e da condição que ocupa nos espaços familiares e social..

A teoria da modernidade líquida explica esse tipo de comportamento de quem se situa em uma espécie de “não-lugar”, como é o caso das personagens Joana, uma jovem universitária, e tia Carolina. Segundo Bauman (2001), os líquidos não possuem uma forma, sendo assim, fluídos que vão se moldando conforme o recipiente que está contido. Isso é perceptível no comportamento de Joana, quando se sente surpreendida pelo questionamento

de seu primo Joaquim sobre a sexualidade de sua avó, porém, no decorrer do conto é notório que ela, apesar de sentir-se aprisionada ao ter que camuflar sua própria sexualidade, também se sente um pouco aliviada ao perceber que aquelas duas mulheres do seu convívio conseguiram manter uma união feliz, apesar de mantida em segredo:

Pensei na naturalidade com que Taís e eu levávamos a nossa história. Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. Eu quis saber mais, eu quis saber tudo, mas não consegui perguntar. (POLESSO, 2015, p.41).

O conflito no conto se estabelece mais uma vez quando Carolina, a quem a aceitação plena e pública da condição de mulher lésbica ainda era um entrave, passa por uma crise identitária e resolve se afastar da amante, em um momento marcado por dor sentida pelas duas mulheres unidas pelo amor e separadas por convenções. O conto aborda com maestria que as relações humanas, homoafetivas ou não, são eivadas de conflitos, de incertezas, de avanços e recuos, de felicidade e dilaceração emocional. Tal fato se comprova a partir da observação do comportamento de vó Clarissa com o afastamento de tia Carolina:

Mas, depois daquela tarde, as visitas começaram a rarear e a minha vó se entristeceu de um jeito que doía ver. Chorava pela casa e fumava escondida num canto da sacada. Acho que bebia também, porque havia cheiros estranhos e uma avó displicente naquele período. Passou o inverno inteiro e mais a primavera para a tia Carolina voltar a visitar [...] Minha avó parecia outra mulher. Estava bem vestida, contente e voltou a cheirar a perfume e creme de lavanda. (POLESSO, 2015, p. 39)

O posicionamento de Joana, logo no início do conto, demonstra o seu medo quanto a possível revelação de sua homossexualidade, o que estava em jogo naquele momento tanto no âmbito familiar quanto na esfera pública, onde ela podia viver seu relacionamento lésbico sem ser vista por familiares:

A vergonha estava na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação. Apertei os olhos e contrai o peito, esperando o tiro. Atrás das minhas pálpebras, Taís e eu nos beijávamos escondidas no último corredor da área de humanas na biblioteca da faculdade. (POLESSO, 2015, p. 34)

Foucault (1992, p.9), em sua obra *A ordem do discurso*, diz: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”, sob pena de padecer com punições severas. Ainda nesse mesmo texto, ele afirma que as grades mais cerradas são, na maioria das vezes, voltadas para o discurso sobre a sexualidade:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (Foucault, 1992, p. 49)

Posteriormente, Joana se fortalece e toma ciência de que apesar de toda sua insegurança em aceitar-se na condição de lésbica, seria capaz de se posicionar como agente de seus próprios discursos: “Na minha casa, todas as conversas sempre eram assim, bem esclarecedoras. Ali, aquilo não me agradava.” (POLESSO, 2015, p.40). Desta forma, ela procura não se estender muito em relação aos questionamentos da sexualidade se sua avó, mas ao mesmo tempo a tomava como um espelho, como um norte a ser seguido.

O receio da personagem Joana estava atrelado ao próprio preconceito e estigmatização que ela tinha interiorizado dentro de si a respeito de sua sexualidade, ao medo de sua família descobrir que ela não se encaixava nos padrões heteronormativos, o que a princípio ela pensava ser um problema, principalmente quando ela diz: “Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para a vó e mais tarde para toda a família. Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas. Previ a cena: vó, a senhora é lésbica? Porque a Joana é.” (POLESSO, 2015, p.34). Para isso, temos o apontamento em que Bailey (1999) que afirma:

Ao não se definir em função do desejo masculino e do sistema de reprodução biológica e de transmissão de valores econômicos e ideológicos. Por não ser possível categorizá-la dentro desses padrões, a lésbica termina reduzida ao ‘não-ser’, ao que não se nomeia e que não se nomeia não existe. (BAILEY, 1999)

Apesar da família ainda ser vista pela sociedade como uma formação essencialista composta por um casal heterossexual e seus filhos, é evidente que o conto em pauta faz uma

crítica ao sistema social e familiar heteronormativo como o único legítimo e permitido, tendo em vista que temos duas personagens já com idades avançadas que, mesmo não morando juntas, constituem uma família, e que há muitas formas de convivência afetiva além da que é socialmente imposta. Esse fato se comprova a partir do trecho:

Até que Joaquim perguntou por que ela e a tia Carolina não moravam juntas. Essa minha vó não respondeu, disse que por hoje estava bom de histórias e resumiu dizendo que não moravam juntas porque não queriam. Porém me ocorreu de lembrar que a tia Carolina já foi casada com o seu Carlos. Me ocorreu que talvez ela não pudesse ficar com a minha vó. (POLESSO, 2015, p.41)

Com base nos estudos de Louro (2004), sabemos que se torna necessário não apenas mostrar, mas afirmar a cada momento e em cada corpo, quais são as regras de gênero que são existentes na sociedade em que vivemos, entretanto, é importante ressaltar que os corpos e os desejos estão sempre em constante mutação, pelo sujeito e pelos ambientes nos quais eles estão inseridos.

Butler (2010) afirma que não existe identidade e sim identidades, que não são construídas pelo reconhecimento do sexo, mas pela construção social e cultural. É possível compreendermos essas afirmações, a partir do trecho em que Joana, descreve como foi seu primeiro beijo com Taís: “Eu sabia o que fazer, só que nunca tinha feito.” (POLESSO, 2015, p. 37)

Ampliando a discussão sobre as dúvidas, os receios e as cobranças que afetam as mulheres a partir das personagens do conto em comento, trazemos um acréscimo temático com a seguinte afirmação de Riche:

As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina. Equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez. Parte da história da existência lésbica está, obviamente, a ser encontrada em contextos onde as próprias lésbicas, na ausência de uma comunidade feminina coerente, têm compartilhado um tipo

de vida social e de causa comum com homens homossexuais. (RICHE, 2010, pp. 36- 37).

A partir desse questionamento, podemos afirmar que determinados setores das sociedades atuais ainda perpetuam pensamentos e atitudes preconceituosos e estigmatizados que buscam de certa forma invisibilizar as pluralidades de comportamentos sexuais como uma tentativa de bloquear o empoderamento das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos de fundamental importância voltar a atenção, de quem pesquisa sobre literatura de autoria feminina contemporânea no Brasil, para produções como a que aqui abordamos, da jovem escritora e militante lésbica Natália Polesso. A literatura *queer* brasileira produzida por mulheres ainda pode ser considerada rara, mas vem se firmando aos poucos e conquistando principalmente o público jovem.

No conto que abordamos é possível perceber como teorias recentes que discutem as sexualidades, as mulheres e suas conquistas na sociedade ainda patriarcal brasileira são percebidas com nitidez, e como esse tipo de literatura serve como instrumento de resistência frente a valores morais arcaicos, mas ainda em voga quando o que está em jogo é a repressão a tudo que de certa forma desestabilize os frágeis pilares dos chamados bons costumes. Diante do quadro atual, é importante que a literatura discuta com mais afinco os papéis sociais que os indivíduos podem, devem e querem assumir frente aos ditames do pensamento normativo e essencialista. Vale a pena ressaltar que atualmente o conceito de família nuclear também está se modificando, tendo em vista que hoje temos casais homoafetivos construindo suas famílias e adotando filhos; essa realidade vem tomando uma proporção positiva no século em que vivemos, pois as mulheres, lésbicas ou não, estão lutando com mais resultados na conquista por direitos, erradicando preconceitos e ganhando aos poucos reconhecimento da sociedade. Em contrapartida, muitos grupos contrários aos direitos homoafetivos se insurgem, ganham projeção através das mídias e ameaçam jogar por terra um histórico de conquistas dos movimentos ligados às diversas minorias.

Diante desse quadro, a arte se insurge como bandeira de luta não só de ativistas vinculados aos movimentos de libertação sexual, mas de todos os que preservam atitudes democráticas, que valorizam o livre pensar e o direito de cada um ser aquilo que deseja ser.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Cristina Ferrira-Pinto. **O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas.** Revista Iberoamericana 187 (abril-junho) 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Mordernidade líquida.* Ed. Zahar, 2001.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* São Paulo: Loyola, 1992.

GALVÃO, M.C.B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica.** Disponível em: <http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_CristianeGalv.pdf> Acesso em: 26 de maio de 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em 27 de maio de 2018.

LESSA, Patrícia. **Visibilidade e ação lésbica na década de 1980: uma análise a partir do Grupo de Ação Lésbico-feminista e do Boletim Chanacomchana.** *Gênero, Niterói*, v.8, n.2, 2008, p. 301- 333.

LIRA, G.P.A. **Psicanálise, cultura e exercício da livre sexualidade humana: desejo e falta na bissexualidade.** Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/generox/trabalhos/Modalidade_1datahora_17_05_2014_23_30_24_idinscrito_276_8a54b47528d4c558a3e147bd43cbe7f3.pdf> Acesso em 27 de maio de 2018.

LOURO, Guacira Lopes, *Um Corpo Estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, 92 p.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.** *Revista Bagoas, Natal*, v. 4 n. 5, pag. 17-44, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>> Acesso em 27 de maio de 2018.